

APONTAMENTOS HISTORIOGRÁFICOS PARA UM ESTUDO COMPARADO ENTRE O CONCÍLIO VATICANO II E OS CONCÍLIOS TARDO-ANTIGOS

Mariana de Matos Ponte Raimundo¹

RESUMO: Eliade (2002) defendeu a elaboração de teorias e métodos particulares à História das Religiões, por considera-la distinta da Ciência Histórica. O desenvolvimento de uma pesquisa que visa um estudo comparado entre o Concílio Vaticano II e os Concílios tardo-antigos, contudo, tem demonstrado a necessidade de incorporação de estudos históricos e historiográficos nem sempre destinados aos estudos da História das Religiões. Nesse sentido, sobressaem os estudos de Hobsbawn (1984) sobre a invenção, criação e institucionalização da tradição. O autor identificou, ainda, que a natureza da tradição é ritual e/ou simbólica e sua evocação visa promover continuidades entre o passado e o presente. Adaptações que visem a conservação de antigos costumes em condições novas ou o uso de antigos modelos para novos fins também compõem a invenção da tradição nos moldes propostos pelo autor. Assim, a reinterpretação da mensagem cristã para o mundo moderno almejada pelo Concílio Vaticano II, pode ser inserida num contexto de novos desafios para a Igreja Católica. Assim, também, Hartog e Revel (2001) em sua obra sobre os usos políticos do passado e, na mesma esteira o trabalho de Koselleck (2006) que indicam os usos do passado como forma de estabelecer compreensões do mundo contemporâneo. De fato, a recorrência ao passado sempre esteve presente na história da Igreja ao tentar explicar sua missão ao mundo. Quando se propõe observar realidades díspares em perspectiva de comparação é preciso observar como Veyne (1983) que uma ciência é a determinação de constantes que permitem reconhecer a diversidade dos fenômenos. Comparar similaridades e reincidências, se feito corretamente (observando as especificidades) não estabelece imensos cortes espaços-temporais anônimos, mas permite que se veja para além de ambientes que dialogam e influenciam-se mutuamente: permite trazer à tona a particularidade de cada um. E, ainda na mesma perspectiva, Detienne (2004, p. 47) indicando que o estudo comparado preocupa-se com “o conjunto de representações culturais entre as sociedades do passado, tanto as mais distantes quanto as mais próximas, e os grupos humanos vivos observados sobre o planeta, ontem ou hoje”. Assim, o que se propõe é uma reflexão historiográfica no âmbito de uma pesquisa do papel do passado nas afirmações de identidade do Concílio Vaticano II, já que se percebe a retomada de uma identidade e de uma tradição construídas e perpetuadas pelos textos dos Concílios Ecumênicos da Antiguidade Tardia.

PALAVRAS-CHAVE: Concílios Ecumênicos. Concílio Vaticano II. Historiografia.

377

1 Doutoranda em Ciência da Religião – UFJF

Aporte teórico e metodológico para um estudo comparado entre o Concílio Vaticano II e Concílios Ecumênicos tardo-antigos

Como ponto de partida teórico deve-se considerar a obra de François Hartog e Jacques Revel sobre os usos políticos do passadoⁱ e, na mesma esteira o trabalho de Reinhart Koselleckⁱⁱ e a recente obra organizada por Sérgio da Mata, Mateus Henrique de Faria Pereira, Helena Miranda Mollo e Flávia Varellaⁱⁱⁱ que indicam os usos do passado – que nesta investigação tangem o discurso da Igreja na Antiguidade Tardia – como forma de estabelecer compreensões do mundo contemporâneo – especificamente o discurso produzido pelo Concílio Vaticano II. Assim, o que se propõe é uma reflexão do papel do passado nas afirmações de identidade do Concílio Vaticano II, já que se percebe a retomada de uma identidade e de uma tradição construídas e perpetuadas pelos textos dos Concílios Ecumênicos da Antiguidade Tardia.

De fato, a recorrência ao passado sempre esteve presente na história da Igreja ao tentar explicar sua missão ao mundo. Se por um lado o Concílio Vaticano II tem a intenção de conciliar a doutrina com os desafios da modernidade, por outro o faz pautada em uma tradição que lhe confere legitimidade, um passado que representa conservação e permanência. As formas indicadas por Hartog e Revel sobre a interpretação do passado ganham relevância, sendo: as narrativas de origem, de fundação, de legitimação e apologéticas. As quatro formas de narrativas do passado evidenciadas pelos autores operam de forma a relacionar determinado momento histórico ao imaginário sobre determinada época, modificando a forma como o discurso é recebido socialmente. É através do imaginário que as sociedades, instituições e grupos estabelecem seu passado, seu presente e futuro.

As obras organizadas por Giuseppe Alberigo “*historia dos concílios ecumênicos*” e *historia do concílio vaticano II*” documentam as discussões, dilemas e polêmicas dos concílios abordados. Mas, o acesso aos documentos pontifícios pode também ser feito através do *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral* de Heinrich Denzinger. O Compêndio, vulgarmente conhecido como “Denzinger”, reúne diferentes documentos pontifícios, entre credos, decisões conciliares, conclusões de sínodos provinciais e declarações ou escritos do Magistério pontifício, organizados cronologicamente. Assim, o Compêndio apresenta os documentos conciliares pertinentes aos Concílios inseridos na investigação desse projeto, incluindo os documentos do Concílio Vaticano II. As breves introduções históricas

aos documentos também adquirem valor nessa investigação, à medida que se pode articulá-las com revisões historiográficas sobre o período.

No que tange esses documentos com os quais se trabalhará, é imprescindível destacar que constituem o discurso oficial da Igreja e, portanto, mais do que estar em consonância com a realidade histórica é um discurso que se constrói moral e religiosamente. Pelo enfoque determinado pela presente investigação, sublinhar-se-á o discurso religioso – que se fundamenta através da doutrina e da crença em um mito fundador, metafísico e excelso –, ainda que não se desconsidere completamente o discurso moral – regulação das práticas nos campos da moral, da ética e do cotidiano. Assim, a análise do discurso que, recentemente, passou a ser utilizada no âmbito das ciências sociais pode apontar, por exemplo, os mecanismos pelos quais ocorrem os usos do passado como elemento de poder por parte da Igreja.

O discurso também deve ser considerado em interação direta com as configurações de identidade, entendendo que a insurgência de identidades ocorre em um processo de articulação, tanto na constituição do discurso quanto na contenda pelo significado da realidade.

Sobressai, então, o conceito de identidade que norteia a presente investigação. A própria rotina documental dessa investigação transita através da temática da identidade e como esta é pensada e reelaborada tanto na Antiguidade Tardia como na Modernidade no âmbito da Igreja Católica. Como lembra Tomaz Tadeu da Silva, o processo de constituição de uma identidade se dá na superação de outra realidade/identidade e significa “atribuir à identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa, sendo ela considerada a única identidade”^{iv}.

O conceito de identidade possui um caráter histórico, possuindo eficácia material e política, mesmo sendo o pertencimento ocorrido a nível imaginário e marcado por símbolos. Poder-se-ia, inclusive, afirmar que a identidade é contingente a condições históricas, sociais, culturais e políticas. Nesse sentido, outra contribuição a agregar ao conceito de identidade é a de José Carlos Reis^v, que, em dado momento, considera que a identidade é construída historicamente por meio do discurso e das relações práticas. É um processo que nunca se completa e que se encontra em contínua transformação. O problema da identidade, nesse caso, está formulado a partir da ideia de descontinuidade.

Pode-se, então, entender o conceito de identidade como construído a partir do discurso e das práticas sociais o que pressupõe a interação cultural mediada entre o sujeito

e o ambiente cultural no qual o mesmo está inserido e, ainda, a identidade como um dos elementos que estabelece a ligação entre o indivíduo e a sociedade.

A afirmação de toda identidade se dá num espaço ocupado por outras pretensões de identidade e porque a referida afirmação consiste em traçar uma fronteira que separa o que existir/ser individual ou socialmente do não existir/ser individual ou socialmente, assim, pois, o campo de constituição das identidades é o campo da política.

Foi, portanto, em processo de invenção permanente e reconstituição de dados da memória que o cristianismo se constitui como religião e instituição. A fé que alimentou o discurso cristão não era apenas um passado a ser lembrado ou uma herança a ser transmitida. A vivência própria a cada tempo era a própria construção de uma relação dos indivíduos com o mundo e com a divindade através do retorno ao núcleo de mensagens e em interação com a situação real das comunidades e das experiências.

É importante, portanto, compreender a construção da identidade como um processo de interação social através do qual se classifica e define o outro de forma simbólica e recorrente, não sendo uma propriedade independente, estável e intrínseca de um indivíduo ou de um grupo.

Woodward e Silva^{vi} consideram que a própria definição de identidade só pode ser completada no conceito de diferença, uma vez que toda identidade se estabelece na definição do que ela não é. Certamente, essa diferença não pode ser mantida por outra forma que não a exclusão; desse pressuposto, já fazem parte, inclusive, a análise das relações sociais vividas num contexto cultural específico. No âmago das relações sociais e de poder, as identidades assumem o papel de incluir ou de excluir, estabelecendo fronteiras entre o “nós” e os outros; classificando e organizando o mundo social e grupos, além de hierarquizar-los à medida que lhes confere diferentes valores.^{vii}

Nessa perspectiva, tanto identidade, quanto diferença são categorias resultantes de um processo de produção simbólica e discursiva, no qual se fazem presentes as relações de poder. Para Hall^{viii}, “as identidades são construídas dentro do discurso, produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas”.

Ainda assim, quando se propõe observar realidades díspares em perspectiva de comparação é preciso observar como Veyne que uma ciência é a determinação de constantes que permitem reconhecer a diversidade dos fenômenos^{ix}. Comparar similaridades e reincidências, se feito corretamente (observando as especificidades) não estabelece imensos

cortes espaços-temporais anônimos, mas permite que se veja para além de ambientes que dialogam e influenciam-se mutuamente: permite trazer à tona a particularidade de cada um.

Mais uma vez é fundamental ter em mente aquilo que Silva^x propôs a respeito das relações de identidade e alteridade: “*a identidade só tem como referência a si própria*”, assim como “*a diferença é concebida como auto-referenciada*”. Assim, uma cultura se identifica, entre outros fatores, por não ser outra. Deve-se levar em conta, portanto, que, racionalmente ou não, em cada um desses ambientes foi formulada uma concepção de religião ou religiosidade que, em grande parte, é uma distinção das outras concepções. Esta perspectiva leva, portanto, à necessidade de proceder através do método comparativo, posto que apenas pelas várias identificações e distinções entre estes momentos e formulações será possível conhecer o elemento investigado.

A análise dos Concílios em questão poderá apontar a construção de comparáveis, visto que estes não são dados imediatamente, não existem formalmente salvo através do olhar do pesquisador. Mais do que isso, como observou Detienne^{xi} em *Comparar o Incomparável*, o estudo comparado preocupa-se com “*o conjunto de representações culturais entre as sociedades do passado, tanto as mais distantes quanto as mais próximas, e os grupos humanos vivos observados sobre o planeta, ontem ou hoje*”.

Desta forma, o longo período a ser investigado não se constitui num empecilho ou falha, mas sim num campo pertinente onde os comparáveis serão definidos e observados. Esta construção se desenvolve numa análise conjunta e na comparação entre diferentes ciências e seus enfoques.

A partir desta premissa percebe-se a pertinência de que nesta pesquisa, a qual se pretende comparativa, observações da história das religiões, especialmente, Eliade^{xii}, o qual defendeu a elaboração de teorias e métodos particulares a esta ciência, distinta, por ele, da ciência histórica.

Deve ser lembrado, também, que os documentos não são comparados a fim de identificar um fenômeno constante, mas sim no sentido de identificar as similaridades, as dissonâncias. Mais do que isso, não se tem por objetivo definir blocos espaço-temporais independentes e particulares. Tais delimitações podem apresentar problemas se forem consideradas questões como identidade, alteridade, reprodução e difusão cultural. Representações múltiplas, individuais e, no entanto, análogas demonstrarão que os ambientes culturais ultrapassam as fronteiras de tempo e espaço.

A investigação proposta neste projeto desenvolve-se no interior dos estudos comparados da Religião, tanto em relação aos documentos a serem manipulados quanto ao suporte conceitual selecionado. Em *Comparar o Incomparável*, Detienne caracterizou o trabalho

de investigação enquanto uma atividade coletiva: se o horizonte engloba o conjunto das sociedades humanas, o trabalho de um só é sem sentido. Portanto, ao pesquisador, *é tão importante alimentar-se dos saberes e questões dos outros quanto analisar em profundidade a civilização de que cada um é profissionalizante ou “intérprete”^{xiii}*. Quase duas décadas antes de sua proposta, ideias semelhantes foram construídas por Veyne^{xiv}, o qual se amparou na concepção weberiana da História enquanto aplicação das Ciências Humanas ao escrever *O Inventário das Diferenças*.

REFERÊNCIAS

Compêndio do Vaticano II. Petrópolis: Vozes, 2000.

ALBERIGO, G. **História do concílio Vaticano II**. Petrópolis: Vozes, 2000.

ALBERIGO, G. **A Igreja na História**. São Paulo: Paulinas, 1989.

ALLEAU, René. **A Ciência dos Símbolos**. Lisboa: Edições 70, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BETTENSON, H. **Documentos da Igreja Cristã**. São Paulo: Ed. ASTE, 1967.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas linguísticas**. São Paulo: Edusp, 2008.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1986.

BURITY, J. (Org.). **Cultura e identidade: perspectivas interdisciplinares**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

CALDEIRA, R. C. Bases temporais para o estudo histórico da Igreja católica no século XX. *Horizonte* 5 (2008) 75-90.

CALDEIRA, R. C. Reflexões acerca da continuidade e descontinuidade no Vaticano II: possibilidades de análise. *Revista de Cultura Teológica* 3 (2008) 1-13.

CALDEIRA, R. C. Os baluartes da tradição: a antimodernidade católica brasileira no Concílio Vaticano II. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2009.

CONGAR, Y. À guisa de conclusão. In: VIER, F. (org.). **A Igreja do Vaticano II**. Petrópolis: Vozes, 1965, pp. 1285-1292.

DETIENNE, Marcel. **Comparar o Incomparável**. Aparecida: Ideias e Letras, 2004.

DENZINGER, Heinrich. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. São Paulo: Paulinas; Edições Loyola, 2007.

ELIADE, Mircea. **Tratado de História das Religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FERREIRA, F. A. Para entender a Teoria do Discurso de Ernesto Laclau. Revista Espaço Acadêmico, n. 127, dezembro de 2011.

FIORIN, J. L. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2000.

FRIGHETTO, R., A 'longa' Antiguidade Tardia: problemas e possibilidades de um conceito historiográfico. In: Pré-atas VII Semana de Estudos Medievais. Brasília: Programa de Estudos Medievais da Universidade de Brasília, 2009.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

JEDIN, H. **Concílio Ecumênicos: história e doutrina**. São Paulo: Editora Herder, 1961.

JOHNSON, P. **História do cristianismo**. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

KLOPPENBURG, B. **Concilio Vaticano II: documentário preconiliar**, vol. I. Petrópolis: Vozes, 1962.

KLOPPENBURG, B. **Concilio Vaticano II: primeira sessão** (set-dez. 1962), vol. II. Petrópolis: Vozes, 1962.

KLOPPENBURG, B. **Concilio Vaticano II: segunda sessão** (set-dez. 1963), vol. III. Petrópolis: Vozes, 1963.

KLOPPENBURG, B. **Concilio Vaticano II: terceira sessão** (set-dez. 1964), vol. IV. Petrópolis: Vozes, 1963.

KLOPPENBURG, B. **Concilio Vaticano II: quarta sessão** (set-dez. 1965), vol. V. Petrópolis: Vozes, 1965.

KOSELLECK, R. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006.

LACLAU, E. Inclusão, exclusão e a construção de identidades. In: AMARAL Jr. A; BURITY, J. A. **Inclusão social, identidade e diferença: perspectivas pós-estruturalistas de análise social**. São Paulo: Ed. Annablume, 2006.

MAIER, F. G. **Las transformaciones del mundo mediterráneo, siglos III-VIII**. México: Siglo Veinteuno editores, 1986.

MINAYO, M. C. S. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 1996.

MINAYO, M. C. S. **Discurso e texto: formação e circulação dos sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2001.

MORESCHINI, C.; NORELLI, E. **História da literatura cristã antiga grega e latina – do Concílio de Nicéia ao início da Idade Média**. Tomo II. São Paulo: Loyola, 2000.

MENDONÇA, D. Como olhar “o político” a partir da teoria do discurso. Revista Brasileira de Ciência Política, nº 1. Brasília, janeiro-junho de 2009, pp. 153-169.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** Campinas, São Paulo: Ed. Pontes, 1999.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso.** Campinas: Ed. Pontes, 1996.

REIS, José Carlos. **As Identidades do Brasil 2: de Calmon a Bomfim: a favor do Brasil: direita ou esquerda?** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

SILVA, T. T. (org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes, 2000.

VEYNE, Paul. **O Inventário das Diferenças.** São Paulo: Brasiliense, 1983.

i Les usages politiques du passé. Paris: Editions de L'École des Hautes Etudes en Sciences Sociales, 2001.

ii KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos.** Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

iii MATA, Sergio da; PEREIRA, Mateus Henrique de Faria; MOLLO, Helena Miranda; VARELLA, Flavia (orgs.). **Tempo Presente e usos do passado.** Rio de Janeiro: FGV, 2012.

iv SILVA, T. T. (org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes, 2000, p. 83.

v REIS, José Carlos. **As Identidades do Brasil 2: de Calmon a Bomfim: a favor do Brasil: direita ou esquerda?** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

vi SILVA, T. T. (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes, 2009, p. 9 e p.74.

vii SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença, p. 82. In: SILVA, T. T. (org) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes, 2009.

viii Ibidem, p. 109.

ix VEYNE, Paul. **O Inventário das Diferenças.** São Paulo: Brasiliense, 1983, p.16.

x SILVA, T. T. (org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes, 2000, p. 74.

xi DETIENNE, M. **Comparar o Incomparável.** Aparecida: Ideias e Letras, 2004, p.47.

xii ELIADE, Mircea. **Tratado de História das Religiões.** São Paulo: Martins Fontes, 2002.

xiii DETIENNE, M. **Comparar o Incomparável.** Aparecida: Ideias e Letras, 2004, p. 48.

xiv VEYNE, Paul. **O Inventário das Diferenças.** São Paulo: Brasiliense, 1983.